

O BICHO-PREGUIÇA QUE NÃO QUERIA TER PREGUIÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

EL PEREZOSO QUE NO QUERÍA SER PEREZOSO: RELATO DE UNA EXPERIENCIA

Enya Fernandes das Chagas

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
enya_fernandes@hotmail.com

Alex Figueiredo Silva

Universidade Federal da Paraíba- UFPB
alexbioacademico@gmail.com

Dr. André Luis Corrêa

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
andrecorreia@ce.ufpb.br

Dr. Marsilvio Gonçalves Pereira

Universidade Federal da Paraíba- UFPB
marsilvioeduc@gmail.com

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de usar a literatura infantil como elo entre o Ensino de Ciências e a literatura. A narrativa baseia-se na criação do livro infantil "O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça", desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. O texto aborda a concepção do livro e sua aplicação prática em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, em 2019. Conectando o Bicho-Preguiça, familiar aos alunos da Escola Municipal, às práticas científicas, a abordagem visa promover a alfabetização científica e o engajamento das crianças em questões ambientais.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Literatura Infantil; Bicho-preguiça; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Eixo temático: 02. Estratégias, materiais e recursos didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Este trabajo relata la experiencia de utilizar la literatura infantil como vínculo entre la Enseñanza de las Ciencias y la literatura. La narrativa se basa en la creación del libro infantil "O Bicho-Preguiça que não quer ter Preguiça", desarrollado como parte del

Trabajo de Finalización del Curso en Pedagogía. El texto aborda la concepción del libro y su aplicación práctica en una clase de 5º año de la Escuela Primaria, en 2019. Conectando al Perezoso, familiar para los estudiantes de la Escuela Municipal, con las prácticas científicas, el enfoque tiene como objetivo promover la alfabetización científica y la participación de los niños en las cuestiones ambientales.

Palabras clave: Enseñanza de las ciencias; Literatura infantil; Pereza; Primeros años de primaria.

Eje temático: 02. Estrategias didácticas, materiales y recursos para la enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica

INTRODUÇÃO

Escrever um livro infantil na área de Ensino de Ciências é um desafio que envolve capturar a essência da ciência de forma encantadora e educativa para os pequenos leitores. Quais estratégias narrativas são eficazes para transmitir conceitos científicos complexos em uma linguagem acessível? Como equilibrar o rigor factual com a imaginação fértil do universo infantil?

Em meio aos questionamentos supracitados e na construção de possíveis respostas para estes, apoiamo-nos em Lorenzetti e Delizoicov (2001, p.53), que vai dizer que existem diversos instrumentos e meios de comunicação que podem auxiliar no processo da alfabetização científica nos Anos Iniciais, entre os quais a literatura infantil é uma delas. A leitura tem um papel fundamental no processo de alfabetização científica, pois muitos conhecimentos são trabalhados através de textos, porém, não podemos tratar de alfabetização científica apenas como ensinar a ler e escrever em Ciências, mas que vai além, como afirma Moraes (1995, p.14):

O ensino de Ciências estará integrando mundo, pensamento e linguagem, possibilitando às crianças uma leitura de mundo mais consciente e ampla, ao mesmo tempo em que auxilia numa efetiva alfabetização dos alunos. (Moraes, 1995, p. 14)

Compreender que a linguagem, a comunicação e a leitura são processos essenciais para as relações e para qualquer etapa do ensino, seja este escolar ou não, é atribuir-lhe justa importância, sempre buscando torná-los presentes na vida dos sujeitos de maneira substancial.

Hoje a escola ainda é um dos principais espaços para se trabalhar a leitura e os estudos literários de forma efetiva, pois, estes possuem ampla primazia, como enfatiza Coelho (2000, p.16):

Eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser. (Coelho, 2000, p. 16)

Reconhecendo a importância da leitura na vida dos sujeitos, passamos a valorizá-la em todos os níveis de ensino, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A leitura pode introduzir, discutir e resolver problemas, tornando a aula mais dinâmica, interativa e atraente. Os livros paradidáticos são uma excelente ferramenta para praticar a leitura e desenvolver o gosto por ela, pois conseguem explorar o currículo sem se limitar a ele. Segundo Laguna (2001, p.48), os livros paradidáticos:

[...] atendem à Literatura e a todas as outras disciplinas, procurando ajudar professores e enriquecer a vida do aluno. Com visual e temas adequados, esses livros procuram despertar o hábito da leitura e levantar questionamentos que antes ficavam à margem da vida escolar, objetivando complementar informações de maneira leve e ágil. (Laguna, 2001, p. 48)

Assim, ao longo desta narrativa, mergulhamos na concepção e desenvolvimento de um livro infantil intitulado "O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça", que é resultado de uma pesquisa realizada durante o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Exploramos não apenas o processo criativo por trás do livro, mas também sua implementação prática em um contexto escolar, especificamente em uma turma de 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A escolha do Bicho-Preguiça como protagonista desta história não foi aleatória, mas sim uma decisão estratégica para conectar os estudantes à biodiversidade local e despertar seu interesse pela conservação ambiental. Com este relato, almejamos compartilhar não apenas os resultados de nossa experiência, mas também inspirar outros educadores a explorar possibilidades de integrar a literatura infantil ao Ensino de Ciências e à Educação Ambiental, fortalecendo o processo de Ensino-Aprendizagem.

A Preguiça Comum ou *Bradypus variegatus* (nome científico) é um símbolo da cidade de Rio Tinto (PB), chegando, inclusive, a receber um monumento em sua homenagem (figura 1). O animal, nos primórdios da cidade, já nomeou o território, pois antes de Rio

Tinto ser fundada, o espaço era conhecido como Engenho da Preguiça, pela constante presença da espécie no local. Atualmente, ele é também um dos grandes responsáveis pelo turismo na cidade.

Figura 1 – O Bicho-Preguiça e o seu contexto ambiental e social, no município de Rio Tinto/PB - A. o animal sob a figueira, árvore que serve de abrigo para os espécimes que vivem na praça João Pessoa; B. o animal ao descer da árvore; C. e D. monumentos construídos na cidade em referência ao Bicho-preguiça.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, Rio Tinto, 2019

Levando em conta toda essa influência local do animal, o escolhemos como objeto central para este estudo, para introduzir um elemento tão presente na vida dos munícipes de forma inovadora, visando desconstruir conceitos pré-definidos.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A intervenção ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren, localizada na cidade de Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba. Os participantes foram 25 alunos do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com a faixa etária entre 10 e 11 anos de idade. Objetivando conhecer quais as concepções que os estudantes possuem acerca do Bicho-Preguiça, utilizamos como forma de coleta de dados, uma entrevista semipadronizada (Flick, 2009, p. 149), com 14 perguntas norteadoras, entre estas, destacaram-se os seguintes questionamentos: *Por que o Bicho-preguiça recebeu este apelido?; Você sabe onde ele (Bicho-Preguiça) vive/mora?; Você acha o bicho-preguiça perigoso? Por quê?; Você já viu alguém ajudando este animal? Relate.; A praça é um bom lugar para eles viverem? Por quê?* Cada estudante foi entrevistado individualmente,

com o objetivo de verificar as suas percepções e vivências individuais acerca do Bicho-Preguiça.

Além de responderem ao questionário, cada aluno desenhou o bicho-preguiça como o viam ou imaginavam (figura 2). Esta prática permitiu observar suas percepções sobre as características físicas do animal. Os traços destacados nos desenhos ajudaram no planejamento das ilustrações do livro, permitindo conhecer melhor as experiências dos alunos com o bicho-preguiça e avançar na construção do roteiro e das ilustrações.

Figura 2- Desenhos do Bicho-preguiça produzidos pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019

Esta primeira etapa foi um passo de extrema relevância para nossa pesquisa, pois, a partir dos resultados encontrados, pudemos dar continuidade ao estudo. Os exemplos, experiências e comentários feitos pelas crianças deram suporte e contexto para a criação do livro infantil, que serviria, posteriormente, como mola propulsora para as discussões em Educação Ambiental e Ensino de Ciências Naturais.

A literatura infantil possui uma função formadora (Zilberman, 2003, p. 29-30), assim como também emancipatória. Os livros contribuem para o desenvolvimento crítico da criança, estimulando a imaginação e reconhecimento do ambiente em que vive, sendo capaz de excitar várias possibilidades de conhecimento, entre eles, o científico.

A ciência faz parte das nossas vidas, inclusive do mundo do leitor infantil. São várias as obras que tratam de assuntos científicos, dentre as quais aquelas relacionadas ao meio ambiente, não servindo apenas como apoio paradidático, e sim como fator de impulsionamento para se tratar de disciplinas demasiadamente relevantes, como a de Ciências (Linsingen, 2008, p. 190-191).

Cada indivíduo é proveniente de um meio diferente, assim, adquire costumes e, muitas vezes, os toma por inofensivos. Por tais hábitos estarem arraigados em suas mentes, torna-se difícil ressignificá-los.

A CONSTRUÇÃO DO LIVRO

Partindo deste princípio, vamos a importância de trabalhar com livros infantis contextualizados, que capturem a essência da ciência, que podem surgir a partir das próprias concepções dos alunos, tornando a leitura mais interessante, prazerosa, próxima da realidade de cada um, e, por conseguinte, um instrumento didático exequível. Sobre a Literatura Infantil, Sousa (2016, p. 95) afirma que:

[...] esse gênero de texto deve se aproximar da realidade da criança de uma forma mais prazerosa e interessante através da leitura, o mesmo transmite um aspecto comum com a escola que é a natureza formadora de ambas e também de transformar os alunos em leitores assíduos. (Sousa, 2016, p. 95).

Corroborando com Sousa (2016), compreendemos a importância de criar textos que sejam envolventes e interessantes para as crianças, incentivando assim o gosto pela leitura. Ao se aproximar da realidade das crianças de uma maneira prazerosa, os textos conseguem captar a atenção do público infantil, tornando a experiência de ler mais cativante e significativa, dessa forma, possibilitando criar narrativas eficazes para a transmissão de conhecimentos científicos.

A etapa subsequente do processo de criação da ideia geral do livro, foi a elaboração do texto. Norteados pelas respostas apresentadas nos questionários, buscamos trazer os elementos mais presentes, como por exemplo, a ideia de que o bicho-preguiça é preguiçoso, devido ao seu comportamento 'lento'. Ou que eles precisam da ajuda do ser humano para voltar à árvore; que devemos alimentá-los; que a Praça é o melhor local para o animal viver, entre outras.

Esse processo levou à definição do título do livro, “O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça”. Com isso, começamos a refletir sobre a moral da história, pensando além dos conteúdos científicos e ecológicos. Queríamos que a história também abordasse questões emocionais, relações interpessoais e comportamentos sociais, temas essenciais para o viver em sociedade. Esse foi um dos momentos mais desafiadores do processo, pois era importante tratar não só do animal, mas também de aspectos relevantes para a formação social e emocional dos leitores.

Waal (2007, p.331), considera que as emoções fazem as informações serem mais importantes, ou seja, quando estamos ligados emotivamente com as informações, elas se transformam em memórias que não serão apagadas. Sendo assim, não ficaremos indiferentes com as coisas, pelo contrário, a perceberemos como prioridades. Os livros, desse modo, possuem o poder de cativar e emocionar.

Baseado nas experiências pessoais da autora e como cidadã riotintense, o texto foi elaborado de forma livre e criativa após analisar as ideias dos estudantes e definir a moral da história. Utilizou-se uma linguagem simples, mas incluindo palavras complexas para ampliar o debate e abordar diversos temas.

No corpo do texto, percebe-se diversas situações que foram expostas pelos estudantes, como por exemplo na figura 3, onde o texto da página 20 foi inspirado no relato do estudante J.N, diante do questionamento se já ajudaram ou viram alguém ajudando este animal, o discente respondeu “*Sim. Um dia eu fui na padaria com meu avô e tinha uma preguiça lá no chão que tinha caído. Ai meu avô deu um pedaço de pão bem grande pra ela comer. Ela tava com muita fome*”. (J.N, 10 anos).

Figura 3- Página 20 do livro “O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça



Fonte: Acervo da autora, Rio Tinto, 2019

No quadro abaixo, podemos verificar algumas respostas transcritas das entrevistas, sendo as perguntas 2, 7 e 14 do roteiro.

Quadro 1 – Síntese das transcrições das entrevistas

PERGUNTA	RESPOSTA
2- Por que o Bicho-preguiça recebeu este apelido?	“Eu acho que é porque ele é preguiçoso.” (P, 10 anos); “Porque ele é lento e preguiçoso demais.” (J, 10 anos); “Porque ele tem muita preguiça e só vive dormindo na árvore, não faz mais nada.” (E, 11 anos); “Eu acho que esse é o jeito dele, né não, tia?” (M, 10 anos).
7- Você acha o bicho-preguiça perigoso? Por quê?	“Sei lá. Ele tem as unhas grandes demais. Eu acho que se a gente for mexer nele ou jogar uma pedra, ele vai ficar com raiva e arranhar a gente, mas acho que ele “num” é perigoso não”. (A, 10 anos); “Não. Porque minha mãe já chegou perto dele e ele não fez nada. Alisou a cabeça dele e tudo”. (W, 10 anos); “É nada, a bixinha é boazinha. Uma vez eu ajudei a colocar ela na árvore e ela ficou rindo pra gente”. (I, 10 anos)
14- A praça é um bom lugar para eles viverem? Por quê?	“É sim. Porque lá tem pessoas passeando e dão comida, às vezes dão água. Ai assim é bom.” (L, 10 anos); “É sim, porque tem muito pé de pau pra eles andarem à vontade. Lá tem gente passando direto que sempre ajudam eles e tem muita folha e aquelas frutinhas pequeninhas pra eles comerem.” (E, 11 anos). Eu acho que não é bom não. Porque de noite o povo liga o som ali e fica até bem tarde com aquele barulho. Quem consegue dormir direito assim?” (M, 10 anos).

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

As informações emergidas durante a entrevista semiestruturada foram essenciais para compreender a relação entre as crianças e o bicho-preguiça. Essas concepções ajudaram a criar estratégias narrativas para a construção do texto do livro, como exemplificado na figura 3.

Assim, como Pozo e Crespo (2009, p.87), consideramos que o conhecimento cotidiano das crianças, no caso de nossas vivências, é relevante para o processo de ensino-aprendizagem de Ciências, tendo em vista que revelam o interesse da criança pelo tema. Além disso, podemos identificar quais saberes e experiências acumulam a respeito do tema, e como tais conhecimentos podem ser ampliados, ressignificados por meio do respaldo dos conhecimentos da Ciência.

AS CONCEPÇÕES E AS INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS

Aqui destacamos algumas concepções dos estudantes do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, participantes desta pesquisa, quanto ao Bicho-Preguiça, como: 1. O Bicho-preguiça é preguiçoso e lento. 2. O Bicho-preguiça precisa do ser humano para se alimentar e sobreviver. 3. O Bicho-preguiça é simpático e gosta do contato das pessoas. 4. O Bicho-preguiça desce das árvores para procurar comida. 5. O Bicho-preguiça vive na praça, sendo este um local sem riscos. Tais concepções foram as principais norteadoras para a construção da história. A narrativa se empenhou em explorar conceitos científicos, visando analisar as percepções dos estudantes expressas nas entrevistas.

Além disso, utilizamos informações científicas sobre o bicho-preguiça para enriquecer a história. Por exemplo, detalhamos sua alimentação e sistema digestivo. Um trecho do livro mostra o protagonista, Patrick, descendo da árvore para satisfazer suas necessidades fisiológicas, esclarecendo a ideia errônea de que ele desce em busca de comida. Na realidade, ele desce para essas necessidades ou para trocar de árvore. Essa abordagem cria espaço para questionamentos, essenciais para corrigir conceitos prévios e construir conhecimento sobre o *Bradypus variegatus*.

Essa nossa abordagem vai ao encontro da ideia de Chassot (2003, p. 90), quando nos atenta para um ensino de ciências que contemple aspectos sociais e pessoais dos alunos nos currículos, além de corroborar com Santos (2007), quando diz que “Ensinar ciência significa, portanto, ensinar a ler sua linguagem, compreendendo sua estrutura sintática e

discursiva, o significado de seu vocabulário, interpretando suas fórmulas, esquemas, gráficos [...]” (Santos, 2007, p.484).

Charlot (2005, p. 58) afirma que “não existe saber (de aprender) se não está em jogo a relação com o mundo, com os outros e consigo. Isso destaca que o processo de Ensino-Aprendizagem não se dá a partir do isolamento do “ensinar” e do “aprender”, e sim da interação estabelecida entre si. No contexto do ensino de ciências, percebemos a importância de adotar abordagens de ensino que sejam contextualizadas e centradas no aluno, visando promover uma aprendizagem significativa e duradoura dos conceitos científicos.

E nesse sentido, buscando trazer vida ao texto, ao introduzir um ilustrador que pudesse compreender a essência da narrativa e criar os cenários de acordo com o local, emoções e características dos personagens. Compartilhamos toda a ideia do livro com o designer, detalhando o que desejávamos nas ilustrações, incluindo características, elementos, cores e formatos dos personagens e cenários. Após discutir essas informações, iniciamos os testes de imagens, tinta e papel. Com a aprovação, o designer trabalhou nas ilustrações por cerca de 3 meses, concluindo com a construção da capa do livro (figura 4).

Figura 4- Capa do livro O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça



Fonte: Acervo da autora, Rio Tinto

Possuindo o material pronto de forma digital, partimos para a última etapa antes de retornar à sala de aula do 5º ano, onde tudo iniciou: a impressão.

Após realizada a ilustração e a diagramação do livro, nos dirigimos a gráfica para a escolha final do material. Optar pelo papel da capa, miolo, tipo de impressão, gramatura das folhas e todas os detalhes gráficos para realizar as primeiras tiragens, porém, o custo financeiro não possibilitou uma impressão profissional, sendo assim, para dar retorno aos estudantes, optamos por uma impressão comum e uma montagem de um material digital através do Power Point.

Tal situação nos leva a refletir sobre os custos associados à produção científica, desenvolvimento e implementação de novos materiais. Esses custos não apenas envolvem recursos financeiros, mas também o investimento de tempo, esforço e criatividade humana. É necessário reconhecer que, por mais que em alguns casos exista financiamento, os recursos disponíveis nem sempre são suficientes para cobrir todas as necessidades da comunidade científica, o que pode limitar o potencial da pesquisa ou torná-la inexecutável.

PARA ALÉM DESTA EXPERIÊNCIA

A experiência de criação de um livro infantil, a partir das concepções de crianças aqui relatada, mostra que utilizar personagens e contextos próximos à realidade dos alunos pode despertar maior interesse e motivação para aprender ciências. Histórias que incorporam conceitos científicos de maneira lúdica tornam temas complexos mais compreensíveis, abrindo um leque de possibilidades para professores utilizarem a literatura infantil como recurso complementar em suas aulas, promovendo uma abordagem interdisciplinar.

Para futuros estudos, é possível explorar como outras áreas da ciência podem ser ensinadas através da literatura infantil, realizar estudos em diferentes contextos para avaliar o impacto dessa abordagem, e criar outros materiais didáticos baseados em histórias infantis, adaptando-os para diferentes faixas etárias e contextos educacionais. Dessa forma, proporcionamos uma base sólida para práticas pedagógicas e pesquisas futuras, contribuindo para a evolução contínua do ensino de ciências através da literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação do livro “*O Bicho-preguiça que não queria ter preguiça*” exigiu bastante tempo, paciência, disposição e criatividade, tendo que ser cada etapa muito elaborada, pois tratava-se de um compromisso com um público extremamente exigente: o público infantil. Foi preciso pesquisar, criar, testar, buscar, errar, parar, respirar, retomar, mergulhar para, enfim, findar o processo. Ainda assim, questionar, duvidar, voltar, mudar para finalmente: apreciar.

O universo infantil é criativo e vibrante, e ensinar ciências a esse público requer uma abordagem envolvente e acessível. Com o livro “*O Bicho-Preguiça que não queria ter Preguiça*”, percebemos que a ciência pode ser integrada de forma sutil à literatura infantil. Conceitos científicos são explorados através de uma história cativante, desafios e aventuras, sem necessidade de explicações explícitas. Eles estão presentes nas ações dos personagens, diálogos, situações e ilustrações.

Nosso protagonista Patrick, que não queria ter preguiça, possui comportamentos que são inerentes a sua natureza e isso fica perceptível em diversos momentos da narrativa, assim como o comportamento humano diante das situações que o protagonista vive. Esse tipo de estratégia traz de forma compreensível, contextualizada e simples, alguns conceitos biológicos sobre a vida animal assim como de questões ambientais.

E nesse sentido, desenvolvemos esse livro com o intuito de estimular uma alfabetização científica dos nossos alunos, mas para além disso despertarmos o envolvimento emocional deles, de maneira a equilibrarmos literatura e ciência, em torno do animal símbolo da cidade. E assim, Patrick pode se declarar, cientificamente, que ele é “*O Bicho-preguiça que não queria ter preguiça*”.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização. Questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica:** uma possibilidade para a inclusão social. *Rev. Bras. Educ.* 2003, n.22, pp.89-100. ISSN 1413-2478.

COELHO, N. N. **A literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Tradução: José Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009

LAGUNA, A. **A Contribuição do Livro Paradidático na Formação do Aluno-Leitor**. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, v. 02, p. 43-51, 2001. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81>

LINSINGEN, L. **Alguns motivos para trazer a literatura infantil para a aula de ciências**. Ciência & Ensino, vol. 2, n. 2. Florianópolis, SC, junho de 2008.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. **Alfabetização científica no contexto das séries iniciais**. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.1-17, jun. 2001.

MORAES, R. **Ciência para séries iniciais e alfabetização**, 2. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1995.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANTOS, W. L. P. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 474-492, set./dez. 2007.

SOUSA, V. **A leitura e a literatura na educação infantil**. Cadernos da Fucamp, v.15, n.22, p.88-110, 2016.

WAAL, F. **Eu primata**: porque somos como somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.331.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003